

“Doutora”..., ao final deste túnel, existe luz? Se há luz, não estou vendo.

Ângela Maria Sansão Chandohá

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

Resumo

Partindo da frase de Jacques Lacan, “a criança é o sintoma dos pais”, faço alguns recortes possíveis, e arranjos de um caso clínico. Irei falar de Pedro e da novela familiar que o determina enquanto “doente”. Faço uso do pseudônimo Pedro (pedra), que expressa um pouco de sua angústia, com um repertório próprio, num processo de constituição como resposta às demandas do grande Outro, articulando questões que dizem respeito a fantasia e desejo inconsciente de ambos os progenitores. O sintoma da criança não é ainda um discurso próprio, mas aquilo que consegue expressar em suas ações e posicionamentos. Qual o lugar de Pedro na cena familiar? Algo do drama familiar, de um não dito, é revelado nas encenações de Pedro. O brincar, faz função de linguagem, compondo um repertório imaginário do qual a criança necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo. Na medida do possível, uma resposta à pergunta: Então, há luz ao final deste túnel?

Palavras-chaves: Psicanálise. Criança. Sintoma. Caso clínico.

Abstract

Starting from Jacques Lacan's phrase, "the child is the symptom of the parents", I make some possible clippings, and arrangements of a clinical case. I will speak of Pedro and the family novel that determines him as "sick". I use the pseudonym Pedro (stone), which expresses a little of his anguish, with his own repertoire, in a process of constitution as a response to the demands of the great Other, articulating questions that concern the fantasy and unconscious desire of both parents. The child's symptom is not yet a discourse of his own, but what he can express in his actions and positions. What is Pedro's place in the family scene? Something of the family drama, of an unspoken one, is revealed in Pedro's stagings. Playing plays a function of

language, composing an imaginary repertoire that the child needs to address the enigmas of the world and desire. As far as possible, an answer to the question: So, is there light at the end of this tunnel?

Key-words: Psychoanalysis. Child. Symptom. Clinical case.

Devo o esclarecimento sobre a origem da angústia infantil a um menino de três anos a quem certa vez ouvi rogar de um quarto escuro: "Titia, fale comigo! Estou com medo porque está muito escuro." e a tia respondeu: "De que lhe adianta isso? Você não pode mesmo me ver." — "Não faz mal", respondeu o menino, "Quando alguém fala, fica mais claro." (FREUD 1901-1905, p.212)

— "Doutora"..., ao final deste túnel, existe luz? Se há luz, não estou vendo"...

O uso do pronome "doutora", nesta pequena frase, revela um sujeito que busca um tratamento para a sua dor, a cura para o seu sofrimento. Denuncia um sujeito tomado pela dúvida, neurótico, estruturalmente dividido, que inicia com uma pergunta: "ao final deste túnel, existe luz?" São incontáveis as queixas e motivações que impulsionam a decisão de buscar um tratamento. Algumas vezes vem por uma indicação médica, associado a um tratamento medicamentoso. Em outros momentos, para um filho, para si mesmo através de um filho, ou então como uma condição para que um relacionamento se mantenha, bem como após a perda de um ente querido, um diagnóstico de uma doença grave. Momentos permeados por muita angústia.

Partindo da frase de Jacques Lacan, "a criança é o sintoma dos pais", vou falar de Pedro (pseudônimo) e da novela familiar que o determina enquanto "doente". No texto, "Nota sobre a criança", Lacan (1969) afirmou que:

(...) o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. O sintoma — esse é o dado fundamental da experiência analítica — se define, nesse contexto, como representante da verdade. O sintoma pode representar a verdade do casal familiar. Esse é o caso mais complexo, mas também o mais acessível a nossas intervenções. (LACAN 1969, p. 369)

Representa a verdade do casal, quando no sintoma que a criança apresenta, se articulam questões que dizem respeito a fantasia e desejo inconsciente de ambos os progenitores. Desta forma a intervenção do analista, sustentada pela transferência, ocorre com a mãe, com o pai, com o casal e com a criança.

Partindo da frase “a criança é o sintoma dos pais”, faço alguns recortes possíveis, e arranjos de um caso clínico. A escolha do pseudônimo Pedro, expressa um pouco de sua angústia (Pedro= pedra), expressa uma resposta particular que produz, com um repertório próprio, num processo de constituição como resposta às demandas do grande Outro. O grande Outro, assim nomeado por Lacan, aponta uma ordem que é exterior e anterior ao sujeito, e a despeito deste o determina.

Pedro nasce da relação entre um homem e uma mulher, que já haviam tido filhos em relacionamentos anteriores. Enquanto ainda se conheciam, aparece uma gravidez indesejada... Não era mais tempo de cuidar de um bebê, com suas demandas, as quais conheciam muito bem. A chegada do bebê, adocece a relação. Surge um ser que grita, que faz demanda de mãe, de pai. Se a mãe, aquela que cuida, não fala, não deseja, permanece somente o grito.

A palavra é erótica. Erotiza o corpo do infans fazendo furos e bordas. Quanto mais grita, mais cala a voz daquele que não deseja. Precisa ser falado para falar. A suposição de um sujeito no infans, implica na possibilidade daquele que cuida em considerar seu grito um apelo, de interpretá-lo e de revertê-lo de significações, para ambos, produzirem a rede de significantes de onde há de advir um sujeito, o sujeito do desejo. A mãe faz demanda sobre o filho, naquele que estava proposto na sua fantasia, no seu desejo inconsciente e mais tarde pela do pai, possibilitando para o filho uma resposta possível.

Porém, nem sempre o desejo é algo bom. Num tempo anterior, Pedro caiu na “malha fina” do rótulo. Ainda não tinha a palavra, daquele que é efetivamente falado para fazer a sua declaração.

Um diagnóstico, a princípio, para quem cuida causa alívio, tem a resposta pronta, pois o problema está no outro... “na criança que já nasceu assim”. Como Pedro iria falar, se o rótulo falava por ele?

Passou por alguns “juízes que o condenaram e o encaminharam aos adestradores”, que com um treino intenso, adaptaram o pequeno ao meio. Pedro faz tudo o que o outro pede.

A mãe, tomada pela angústia, sentindo-se em um túnel, sem volta... busca um terceiro, o analista. Tomada por uma demanda de análise, conduzida por uma transferência já construída, permite ao outro assim ocupar um lugar simbólico. Indispensável para que se inicie um processo de análise. Somente assim, será possível operar como analista. Busca uma saída, tomada pelo desamparo, de um não saber o que fazer com tudo isso. E se queixa: “Ele é muito bonzinho... não se posiciona nas brincadeiras”. O sintoma da criança não é ainda um discurso próprio, mas aquilo que consegue expressar em suas ações e posicionamentos.

Qual o lugar de Pedro na cena familiar?

Algo do drama familiar, de um não dito, é revelado nas encenações de Pedro. O brincar, faz função de linguagem, compondo um repertório imaginário do qual a criança necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo.

Pedro, neste movimento, durante uma sessão, permanece escondido durante um tempo... em silêncio. Silêncio também é texto... é discurso. Após, um certo tempo, fala: “você tem uma caixa? Bem, assim... bem grande, do meu tamanho. Vou entrar dentro dela... você fecha bem ... E na frente escreve com letra cursiva: “lixo”.

Na identificação, essa imagem que não é bela, que não encanta, é narcísica também. Faz dessa imagem, sua carteira de visita. Investe na sustentação dessa imagem que vê refletida no olhar do Outro, desses outros que o nomeiam como um sujeito doente... Lacan, afirma que “A articulação se reduz muito quando o sintoma que vem prevalecer decorre da subjetividade da mãe. Aqui, é diretamente como correlata de uma fantasia que a criança é implicada” (LACAN 1969, p.369)

Um processo de análise, propõe uma desmontagem deste fascínio, desse engessamento, para uma outra versão possível do sujeito.

Segundo FREUD (1905-6, p.292), o brincar para a criança, bem como para o adulto no lugar de espectador do jogo dramático, busca, gratificar suas expectativas hesitantes de se igualar aos adultos, fazendo um deslocamento, através de representações, pois “anseia por sentir, agir e criar tudo a seu bel

prazer” (FREUD 1905-6, p.292), sendo o autor-ator do dramalhe possibilita a identificação com um herói.

Por conseguinte, seu gozo tem por premissa a ilusão, ou seja, seu sofrimento é mitigado pela certeza de que, em primeiro lugar, é um outro que está ali atuando e sofrendo no palco, e em segundo, trata-se apenas de um jogo tetral que não ameaça sua segurança pessoal com nenhum perigo. Nessas circunstâncias, ele pode deleitar-se como um “grande homem”, entregar-se sem temor a seus impulsos sufocados, (...) e desabafar em todos os sentidos em cada uma das cenas grandiosas da vida representada no palco (FREUD 1905-6, p.292)

Após um certo percurso da análise, Pedro, ao chegar à sessão, se coloca, como um personagem. Andava com as costas curvadas e com uma voz que expressava uma preocupação profunda, falava: “eu sou o Mago... precisamos eliminar a Medusa. Ela tem a cabeça cheia de cobras e um olhar que petrifica. Ela não está sozinha, tem as pequenas medusas junto dela. Precisamos nos unir para destruí-la... preciso de “um bastão”...

Um bastão para dar um grande basta nas falas que petrificam Pedro enquanto sujeito. Rapidamente uma fábrica de armas foi montada, com as sucatas, que permitem a criatividade nos processos de montagem.

Para Lacan, a instauração da fantasia fundamental é contemporânea do recalque originário e se configura como modo de barrar o real do gozo. É da operação de articulação do simbólico (da linguagem), com o real pulsional (o gozo que é corporal), que se constitui o registro do imaginário, a fantasia.

Quando uma criança entra em análise, mudanças também começam a acontecer nas relações familiares. Todos fazem parte desta novela. Pedro foi se tornando um menino estrategista e falante.

Na casa de Pedro, novos posicionamentos começam a se estabelecer, onde a mãe, começa a dar lugar ao pai... convoca para participar... e o pai, autorizado pela mãe, vai assumindo o seu lugar...

No que se refere a originalidade da identificação edípica, Lacan, no texto: Os complexos familiares na formação do indivíduo, refere que no (...) complexo de Édipo, não é o momento do desejo que erige o objeto em sua

nova realidade, mas sim o da defesa narcísica do sujeito.

(...) Esse momento do Édipo fornece protótipo da sublimação, tanto pelo papel da presença mascarada que a tendência desempenha nele, quanto pela forma de que ele reveste o objeto (...), é aquela luz do assombro que transfigura um objeto, dissolvendo as suas equivalências no sujeito, é que o propõe não mais como um meio para satisfação do desejo, mas como um pólo para as criações da paixão. (LACAN 1938, 61)

Mesmo representada por uma única pessoa, a função paterna concentra em si relações imaginárias e reais, sempre mais ou menos inadequadas à relação...

É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o início dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara, na análise de um caso, entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas, ou entre eles e as relações reais que o sujeito mantém a imagem e a ação da pessoa que a encarna, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções. (LACAN 1953, p.279-280)

Pedro, vivenciando momentos de clara expressão do seu processo de construção de uma nova rede de significantes que o nomeiam e o estruturam, saindo do lugar “de pedra” de dentro da “caixa de papelão” da escuridão... saindo do significante “lixo” para o significante “lux”, participou de uma competição, onde recebeu um troféu. Se colocou orgulhoso para as fotos e em um ato de reconhecimento, entrega o troféu na mão do pai, e declara: “eu vou fotografar você! Você também é campeão!”

Numa palavra, em parte alguma evidencia-se mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro. (LACAN 1953, p.269)

Neste momento, na medida do possível, uma resposta à pergunta: Então, há luz ao final deste túnel?

Se há luz..., está no flash da foto...., no brilho do olhar de Pedro..., no sorriso do pai...na alegria da mãe... na declaração do filho: eu tenho um pai campeão!

Referências Bibliográficas

CATÃO, I. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: InstitutoLangage, 2009.

FLESLER, A. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, S. (1901-1905). *Personagens psicopáticas no palco*. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). *Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II*. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1980). *Inibição, sintoma e angústia*. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN J. (1953-54). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro:Zahar, 2009.

LACAN J. (1953). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*, (p. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*, (p.29-90). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*, (p. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar, 2003. LACAN J. (1969). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.